

Aos leitores da **Educação em Revista**, este número oferece um repertório instigante de textos, a começar pelos nove artigos que compõem o dossiê *Infâncias na história*, organizado por Heloísa Helena Pimenta Rocha e Maria Cristina Soares de Gouvêa. A importância dessa temática é visível pelo expressivo crescimento da produção e de grupos de pesquisa sobre a infância. Com tantas possibilidades de escolha, o argumento organizador da arquitetura desse conjunto de trabalhos propõe que, diante das múltiplas “infâncias”, múltiplas também são as possibilidades de contar a sua história. Nessa direção, as autoras reúnem estudos sobre diferentes momentos e contextos históricos, desenhando os possíveis deslocamentos e permanências gerados nesse campo historiográfico.

Mais sete artigos, versando sobre temáticas diversas, levantam questões que vêm desafiando o campo da pesquisa educacional: a problemática étnico-racial, o letramento informacional, a remuneração de professores, o Exame Nacional do Ensino Médio, a educação inclusiva, o estágio e a formação de professores de História, a repercussão das práticas escolares na representação de crianças sobre a escola.

No artigo *Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil*, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Ferrão Candau fazem uma síntese das discussões propostas pelo grupo “Modernidade-Colonialidade” em torno de questões étnico-raciais no campo da educação no Brasil. Formado preferencialmente por intelectuais latino-americanos, esse grupo conta com a presença do filósofo argentino Enrique Dussel, do sociólogo peruano Aníbal Quijano, do semiólogo e teórico cultural argentino-norte-americano Walter Dignolo, do sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, da linguista norte-americana radicada no Equador Catherine Walsh, do filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado Torres, do antropólogo colombiano Arturo Escobar, entre outros. O sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein é também um interlocutor desse grupo. Ao distinguir os conceitos de colonialismo e

colonialidade, o artigo põe em realce o conceito de *pedagogia decolonial*, elaborado por Catherine Walsh e sustentado no pressuposto de “uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo *insurgir* representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento”, concebendo a pedagogia como uma política cultural. Ultrapassando o nível do tratamento de conceitos, os autores do artigo nos propõem uma interrogação rumo às mudanças no campo educacional: *É possível desenvolver uma pedagogia decolonial, intercultural e antirracista na educação brasileira hoje?*

Letramento informacional é o tema do trabalho de Kelley Cristine G. D. Gasque e Ricardo Tescarolo, especialistas em ciência da informação e biblioteconomia. Conforme sugerido pelo próprio título – *Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica* – os autores instigam os educadores a refletir sobre possibilidades de projetos pedagógicos que visem *ensinar a aprender*, a construir um cidadão reflexivo e autônomo. No momento em que o conceito de letramento entra numa complexa rede de usos e significados, esse artigo oferece a oportunidade de situar uma determinada concepção voltada para o modo como os sujeitos lidam com a informação na sociedade contemporânea e como a escola pode atuar nesse campo do letramento ou da relação dos sujeitos com a informação. Letramento informacional leva em conta, entre outros condicionantes, os *conhecimentos prévios, experiências, conhecimentos factuais e processo metacognitivo*. Um projeto pedagógico de letramento informacional deverá, segundo as autoras, privilegiar o *protagonismo do aluno*, que “precisa aprender estratégias que o ajudem a selecionar as informações relevantes para torná-las significativas, isto é, relacionar as novas informações com o que já se conhece para estabelecer uma vinculação entre elas.”

*A remuneração do professor é baixa ou alta?* Esta é a pergunta lançada por Amanda O. Rabelo e complementada pela proposta de *uma contraposição de diferentes referenciais*. Envolvendo professores do sexo masculino que trabalham no ensino público primário brasileiro (Rio de Janeiro) e português (Aveiro), o artigo analisa as condições salariais do professor e suas repercussões sobre a escolha profissional e o nível de satisfação com o trabalho docente. Sustentado por uma vasta revisão bibliográfica que atravessa diferentes momentos históricos, o trabalho aponta interessantes aspectos contrastivos próprios ao contexto brasileiro e português.

No trabalho intitulado *A performatividade nas políticas de currículo: o caso do ENEM*, as autoras Alice Casimiro Lopes e Silvia Braña López analisam documentos relativos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para identificar o tipo de indivíduo que esses documentos buscam formar. Defendem que o foco desse exame é a formação do indivíduo onipotente para a eficiência social do sistema. Contudo consideram que, diferentemente de outras épocas, esse exame forma um tipo de indivíduo centrado na autorregulação de suas performances.

O artigo, de autoria de Fernanda Bazon, Michele Reis e Daniela Eufrásio, intitulado *A formação do professor para o ensino superior: prática docente com alunos com deficiência visual*, discute a formação de professores universitários no curso de licenciatura em Ciências Biológicas para o atendimento de pessoas com deficiência visual no sistema universitário. As autoras salientam que, apesar das políticas voltadas para propiciar o acesso dos alunos com necessidades educacionais especiais ao ensino regular, inúmeras barreiras são encontradas para que esse processo se efetive, sendo uma delas a formação do professor. Para elas, ainda são grandes as dificuldades encontradas no processo de inclusão, tanto devido a lacunas na formação docente quanto à postura adotada pelo professor em sala de aula.

No artigo intitulado *Atualizando a Hidra? O estágio supervisionado e a formação docente inicial em História*, Cristiani Bereta da Silva se propõe a pensar o currículo e a formação docente inicial em História, sobretudo a partir do lugar construído para a prática de ensino e estágio supervisionado. Para a autora o que se destaca na formação docente são algumas permanências que seguem atualizando velhos problemas. A partir de elementos da trajetória histórica da disciplina nos últimos 30 anos e de narrativas de professores, a Cristiani Silva retoma os problemas que considera históricos da área e discutindo-os com o propósito de contribuir para o debate sobre a formação docente em História nos dias atuais.

Em *Ambientes educativos e conhecimento social: um estudo sobre as representações de escola*, Taislene Guimarães e Eliane Giachetto Saravali apresentam parte de uma pesquisa sobre concepções de crianças de 7 a 8 anos a respeito da escola. Contrastando dois ambientes, nomeados pelas autoras como *ambiente tradicional* e *ambiente sócio-moral construtivista*, o artigo considera que modos diferentes de organização geram concepções dife-

rentes sobre a escola. Enquanto as crianças inseridas no *ambiente tradicional* levam em conta somente aspectos materiais da escola, aquelas inseridas no *ambiente sócio-moral construtivista* incluem também as pessoas e “os aspectos subjetivos e referentes a comportamentos considerados adequados para a caracterização de uma boa escola, o que não ocorre com os alunos do ambiente tradicional”. As análises dialogam com estudiosos interessados no conhecimento social, em especial, os estudos de Piaget.

Como o que mais nos interessa são os leitores e as leitoras, desejamos a todos uma ótima leitura, esperando encontrá-los no próximo número de **Educação em Revista**.

*Eduardo Fleury Mortimer* (Editor)

*Marildes Marinho*

*Marlucy Alves Paraíso*